



ESCOLA DE
HUMANIDADES

EDUCAÇÃO

Educação, Porto Alegre, v. 48, n. 1, p. 1-12, jan-dez. 2025
e-ISSN: 1981-2582 ISSN-L: 0101-465X

<http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2025.1.48582>

OUTROS TEMAS

Cartografia em educação: método ou política de pesquisa?

Cartography in education: research method or policy?

Leiliane Domingues da Silva¹

orcid.org/0000-0002-3764-8818
leilianedomingues@gmail.com

Dagmar de Mello e Silva¹

orcid.org/0000-0002-5863-3607
dag.mello.silva@gmail.com

Recebido em: 25 jul. 2025.

Aprovado em: 12 out. 2025.

Publicado em: 24 nov. 2025.

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão teórico-metodológica fundamentada na abordagem cartográfica de pesquisa, inspirada na obra *Mil Platôs*, de Deleuze e Guattari, como alternativa crítica às metodologias tradicionais em Educação. Problematizam-se os limites da pesquisa moderna, que tende à objetivação e à linearidade, propondo a cartografia como uma política de pesquisa que acolhe o imprevisível, o sensível e o movimento dos processos educativos. A cartografia é defendida como um modo de pesquisar que rompe com a lógica representacional e oferece abertura à multiplicidade e à invenção. A pesquisa se ancora em uma atenção flutuante e sensível, que se deixa afetar pelas práticas cotidianas escolares e propõe deslocamentos no modo de habitar o espaço-tempo da escola. O texto propõe uma crítica contundente às formas de controle e normatização educacional, valorizando práticas pedagógicas inventivas, menores e insurgentes. Com consistência teórica e densidade analítica, o artigo se insere no campo da Educação ao propor uma reconfiguração ética, política e epistemológica da pesquisa e das práticas escolares, contribuindo para avanços no debate contemporâneo sobre metodologias qualitativas em contextos escolares.

Palavras-chave: Cartografia. Educação. Subjetividade. Metodologia.

Abstract: This article presents a theoretical and methodological reflection based on the cartographic approach to research, inspired by Deleuze and Guattari's *A Thousand Plateaus*, as a critical alternative to traditional educational methodologies. The author problematizes the limits of modern research, which tends toward objectification and linearity, proposing cartography as a research policy that embraces the unpredictable, the sensitive, and the movement of educational processes. Cartography is defended as a mode of research that breaks with representational logic and offers openness to multiplicity and invention. The research is anchored in a floating and sensitive attention, which allows itself to be affected by daily school practices and proposes shifts in the way of inhabiting the school's space-time. The text proposes a forceful critique of forms of educational control and standardization, valuing inventive, minor, and insurgent pedagogical practices. With theoretical consistency and analytical density, the article is inserted in the field of Education by proposing an ethical, political and epistemological reconfiguration of research and school practices, contributing to advances in the contemporary debate on qualitative methodologies in school contexts.

Keywords: Cartography. Education. Subjectivity. Methodology.

Introdução

Neste artigo, discutem-se aspectos relevantes que atravessam a abordagem política/metodológica da pesquisa cartográfica, apoiada na obra *Mil Platôs*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011), como alternativa às pesquisas na área das Ciências Humanas, que, sob os princípios da tradição moderna, não contemplam questões referentes à complexidade



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil.

da subjetividade humana. Essas questões movem os cotidianos, mais especificamente o cotidiano escolar. Nessa perspectiva de pesquisa, não há um objeto a ser desvelado, mas um conjunto de forças e relações moventes, que devem ser consideradas em sua complexidade, sem a pretensão de esgotar ou de apontar uma suposta essência ou resposta-verdade.

Realizando uma distinção conceitual entre lugar e espaço, o prédio arquitetônico da escola, a grade curricular e, conseqüentemente, os planejamentos circunscritos pelas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) são apresentados como lugares fixos – tal como um decalque ilustrativo –, entendendo que as práticas daqueles que habitam a escola criam táticas de resistência a essas sedimentações, constituindo espaços irrepresentáveis, só tangíveis por mapas móveis que requerem inventividade nas formas de registro. Assim, a cartografia se afirma como uma política e uma metodologia de pesquisa que, ao invés de se fixar em estruturas rígidas preestabelecidas, busca mapear os fluxos, as rupturas e as singularizações nos processos educativos cotidianos.

Ao rejeitar a busca por verdades universais, a cartografia permite que o pesquisador acompanhe a dinâmica viva dos contextos investigados, criando espaço para a invenção e novas formas de resistência às normatizações impostas. Ao adotar a cartografia como abordagem política e metodológica de pesquisa, abrem-se possibilidades de explorar o currículo, a escola e as práticas educativas como territórios em constante transformação, em que o inusitado, o imprevisível e as potências emergentes são sempre bem-vindos.

Dando início a essa conversa...

A primeira vista, o horizonte do mundo construído por Deleuze-Guattari parece animista: mas muito rapidamente se vê que esse animismo traduz a mais alta abstração, o processo incessante dos agenciamentos maquímicos e das subjetividades se elevando a uma abstração cada vez mais alta. Nesse mundo de cavernas, de dobras, de rupturas, de reconstruções, o cérebro humano se dedica a compreender, antes de mais nada, sua própria transformação, seu próprio deslocamento, para além

da conflitualidade, nesse lugar em que reina a mais alta abstração. Mas essa abstração é novamente desejo.

(Antônio Negri, 1995, orelha)

As pesquisas na tradição moderna não costumam se ater às variações de fluxos, optando por seguir caminhos lineares, em busca de um fim que sustente respostas verdadeiras, sem se questionarem a respeito das incessantes “voltas que o mundo dá”, sempre marcadas por diferença. Isso porque as semelhanças é que lhes asseguram chegar a lugares firmes e seguros das verdades postas e, por isso mesmo, acabam caindo no risco de se manterem em uma redundância que quase sempre é uma representação de algo pré-existente.

Do mesmo modo, ao se pensar em educação ou, mais especificamente, nas pesquisas em educação e ensino, percebe-se que, muitas vezes, se perpetua essa mesma lógica moderna. As investigações tendem a seguir roteiros previamente estabelecidos, na busca de respostas e métodos assertivos, que ofereçam bons índices de resultados para o ensino e a aprendizagem, tentando validar hipóteses orientadas por objetivos a serem alcançados, como se a educação pudesse ser reduzida a um processo linear de causa e efeito.

Nessa perspectiva, prevalece a busca por soluções técnicas e respostas eficientes que garantam controle, previsibilidade e rendimento – como se o ato educativo pudesse ser domesticado por parâmetros mensuráveis e generalizáveis. O que escapa a essa lógica, o imprevisível, o sensível, o que emerge no encontro entre sujeitos, tende a ser desconsiderado ou tratado como ruído, falha ou desvio.

Com isso, a diferença é frequentemente neutralizada, e a pesquisa se torna instrumento de validação de algo já sabido, um saber que não se deixa afetar pela experiência viva que pulsa nas escolas.

Na obra *Mil Platôs*, de Deleuze e Guattari (2011), os autores propõem um tratado de filosofia que concebe a vida por:

uma ontologia, uma física, uma lógica, uma psicologia e uma moral, uma política. Com a diferença de que não se vai de uma a outra segundo uma lógica de desenvolvimento, do que funda ao fundado, dos princípios às consequências. Deleuze e Guattari dão mais privilégio ao espaço do que ao tempo, ao mapa do que à árvore. Tudo é coextensivo a tudo. Assim as divisões só podem corresponder a placas, a estrias paralelas, com diferenças de escala, correspondências e articulações dos platôs, datados mas co-presentes. Deleuze e Guattari concebem a ontologia como geologia: ao invés do ser, a terra, com seus estratos físico-químicos, orgânicos, antropomórficos. Pois de que a terra é feita? Quem fez da terra o que ela é? Quem deu esse corpo à terra? Máquinas, sempre as máquinas (Ewald, 2011, orelha).

Essas considerações são imprescindíveis para justificar uma opção teórico-metodológica que defende os percursos de pesquisas em Ciências Humanas por caminhos contingentes, a partir de uma cartografia que se ocupa de processos moventes e transitórios. Seguindo essa lógica, o conhecimento deixa de ser concebido como algo estável a ser alcançado e passa a ser um campo de experimentação, em que o ato de pesquisar se confunde com o de se implicar. Como afirmam Deleuze e Guattari (2011), não se trata de descrever o mundo a partir de um ponto de vista externo e superior, mas de mergulhar nos próprios estratos da experiência, operando deslocamentos, abrindo fendas, criando conexões inesperadas.

O que se propõe é uma investigação comprometida com a inseparabilidade entre teoria e prática, entre ética e estética, entre subjetividade e política. O/a pesquisador/a-cartógrafo/a, nesse sentido, não apenas observa, mas também se afeta e se transforma com o território que acompanha. Ele/a não busca representar o real, mas compor com ele, criando mapas que não reproduzem, mas produzem sentidos. Trata-se, portanto, de uma escolha teórico-metodológica afinada com a multiplicidade do mundo e com a aposta na potência criadora da diferença.

No que tange à pesquisa em educação, o desafio de pesquisar passa a ser compreendido como um ato de atenção, não uma atenção focada, voltada à confirmação de verdades ou à obtenção de respostas, mas uma escuta sensível

aos desvios, aos acontecimentos e aos sentidos que nascem de um *entre* que gera insurgências. Inspirada em Larrosa (2014), é possível pensar essa atenção aberta às práticas profanas: aquilo que escapa ao instituído, à rigidez dos currículos e à produtividade exigida pelas políticas de desempenho. As práticas pedagógicas profanas seriam aquelas que se abrem à desaceleração, à escuta e ao imprevisível. Elas se interessam pelo que transborda, pelo que escapa, pelo que interrompe o fluxo ordenado da escolarização. Recusam uma formação estrita a um fim útil para acolher o que emerge como experiência viva de individuação.

A pedagogia profana propõe uma suspensão da lógica do domínio e do controle para dar lugar ao gesto vacilante, à palavra em suspensão, ao silêncio que também ensina. Nessa perspectiva, pesquisar em educação implica um estado atencional sensível e disponível, uma disposição para se deixar afetar pelos ritmos do cotidiano escolar, pelos gestos mínimos e pelas forças que atuam nas margens e nas frestas.

É justamente nesse movimento que a cartografia se apresenta como uma possibilidade potente de pesquisa. Inspirada nos estudos da geografia, a pesquisa cartográfica surge dos estudos dessa área, em especial pelas técnicas de registro dos relevos e dos diversos aspectos do espaço geográfico, que buscam modos de traçar mapas e cartas que expressem essas espessuras e rugosidades, acompanhando territórios moventes e percursos incertos.

Contudo, Deleuze e Guattari (2011) se apropriam e reinventam a cartografia, concebendo-a como uma possibilidade de tornar tangíveis as texturas de pesquisas que envolvem processos de produção de subjetividades, pensamento e conhecimento. Nessa perspectiva, a cartografia não se restringe à mera representação de territórios fixos, mas configura-se como uma ferramenta metodológica voltada a acompanhar processos, movimentos e transformações, constituindo-se em um mapeamento aberto e em constante construção.

O conceito de pesquisa cartográfica aqui de-

fendido transcende suas raízes de origem para se ramificar, adentrando territórios filosóficos, políticos e sociais que podem envolver áreas da saúde, da educação, da clínica – enfim, as múltiplas possibilidades de espaços-tempos da vida, que requerem procedimentos de análise mais abertos e inventivos. Por isso, entendemos a cartografia como uma prática epistemológica que assume o desafio de mapear desejos, afetos, ideias e relações que constituem os sujeitos e coletivos.

Com base em Gilles Deleuze e Félix Guattari, em *Mil Platôs* (2011), essa abordagem metodológica é compreendida para além de um mero procedimento técnico. A cartografia, nesse sentido, configura-se como uma política de pesquisa que propõe uma reversão de *metá* (meta)/*hódos* (direção, caminho) em *hódos-metá*, isto é, um caminho a ser experimentado, e não apenas um método a ser aplicado (Passos et al., 2017).

Nas abordagens tradicionais, o pesquisador dissocia o objeto de estudo de suas conexões com o mundo, dissecando-o, fragmentando-o e isolando-o para analisar suas partes de forma objetiva, visando responder a uma questão específica e previamente estabelecida. Esses procedimentos implicam numa redução da complexidade dos fenômenos humanos à objetificação, fixando significados, universalizando, tipificando e transformando a multiplicidade e o movimento da vida em categorias estáticas e homogêneas. Ao objetificar os fenômenos, essas abordagens tradicionais tendem a ignorar as singularidades e variações contextuais, buscando regularidades e padrões que possam ser aplicados de maneira geral, como se os sujeitos, suas experiências e suas relações com o mundo pudessem ser capturados por conceitos fixos e imutáveis.

Por outro lado, a cartografia desafia essa lógica ao se assumir como prática investigativa que rejeita o isolamento do objeto. Em vez de partir de pressupostos rígidos e predefinidos, a pesquisa cartográfica valoriza processos e relações coletivas, acompanhando o devir em suas conexões emergentes, fissurando fronteiras entre pesquisador e campo investigado.

Nessa perspectiva, o objeto de estudo não é algo a ser desvelado, mas um conjunto de forças e relações moventes, que deve ser considerado em sua complexidade, sem a pretensão de esgotar ou apontar uma suposta essência. A cartografia emerge como metodologia que privilegia a multiplicidade, a abertura e a criação, permitindo que novas questões sejam formuladas e perseguidas por desvios atentos aos acontecimentos do processo investigativo.

A cartografia também se apresenta como pesquisa-intervenção, realizada por um mergulho experiencial que agencia rupturas naquilo que binariza sujeito e objeto, teoria e prática, interseccionando esses aspectos num mesmo plano de produção ou de co-emergência – o que podemos chamar de plano da experiência (Passos et al., 2017). Essa perspectiva compreende a vida a partir da heterogeneidade, da diferença e multiplicidade de territórios existenciais em constates mudanças – territórios que escapam a estruturas ordenadas, preestabelecidas, enraizadas e produtoras de verdades universais. Nesse contexto, e *não sobre o outro*, pois o desejo não se reduz à ação do pesquisador sobre um objeto, o desejo agencia potências coletivas até “chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. (...) Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus”, pois nesse processo: “Fomos ajudados, aspirados, multiplicados” (Deleuze & Guattari, 2011, p. 11).

Partindo dessas formulações, a cartografia atua por meio da metáfora botânica do rizoma: “trata-se do modelo que não para de se erigir e de se entranhar, e do processo que não para de se alongar, de romper-se e de retomar” (Deleuze & Guattari, 2011, p. 31). Diferentemente do sistema árvore-raiz (estrutura fixa que se ramifica em galhos presos a um tronco), as tramas rizomáticas não seguem padrão linear, hierarquia ou lógica de causa e efeito, elas engendram-se e espriam-se em trajetórias múltiplas.

Compreende-se, então, que a cartografia está atenta às formas de produção da vida, à emergência constante de novas perguntas e recomeços

a partir dos meandros — onde as coisas acontecem. O cartógrafo não busca explicar, revelar ou compreender uma realidade, mas concebe o processo de pesquisa como experiência que lhe permite problematizar e acompanhar diferentes realidades e contextos, contemplando saberes que desconfiam de concepções hegemônicas e dicotômicas que apartam a vida em polarizações. Daí a importância de uma atenção sensível e aberta às potências das coisas aparentemente insignificantes e imprevisíveis que vão traçando o mapa:

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (Deleuze & Guattari, 2011, p. 22).

Ao voltar a atenção para diferentes temporalidades da experiência, nossa intenção é *dar a ver (e não ver por)* enunciados, diferentes modos de pensar e fazer a escola. A cartografia nos permite interrogar os "lugares instituídos" (Linhares, 1988), criando novos espaços-tempos de desterritorialização e (re)territorialização a partir de dispositivos – "uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear" (Deleuze, 1990, par. 1) – que se fia e se desfia, agenciando "linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação" (Deleuze & Guattari, 2011, p. 12), fenômenos incomensuráveis. Trata-se de agenciamentos maquínicos que funcionam por intensidades de forças que metamorfoseiam e abalam estruturas e convicções que possam nos circunscrever em uma única condição existencial.

Dito isso, entende-se que cabe ao pesquisador tornar-se sujeito da experiência. Assim como o "flâneur", que caminha pela metrópole, entre fachadas e sem direção pré-definida, tornando-se um observador que "faz uso de seu incógnito" e configurando-se como "um detetive", pois a "transformação lhe assenta muito bem" (Ben-

jamin, 1995), o cartógrafo também deve seguir esse conselho, compreendendo o método como um movimento fragmentário, que demanda uma atenção aberta às pequenas coisas, rompendo com a linearidade do pensamento acadêmico dogmático. Só assim o cartógrafo-pesquisador conseguirá adentrar territórios alheios e se aventurar por planos de experimentação da vida, de invenção de si e de novos mundos. Para tal, é preciso suspender inclinações pessoais e expectativas e estar aberto ao encontro, ao inesperado e ao mergulho nas intensidades dos acontecimentos, a fim de manter vivas as problematizações que promovem os deslocamentos da pesquisa e enxergar "o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro ou do falso e o constitui como objeto para o pensamento" (Foucault, 2012, p. 242).

No campo educacional, esse posicionamento implica na recusa a uma pesquisa guiada por hipóteses a serem validadas. Muitas vezes, as pesquisas em educação seguem a lógica moderna do conhecimento como representação, em que a realidade seria algo a ser traduzido por métodos supostamente seguros e replicáveis. A própria educação passa a ser medida a partir de metas, índices e evidências, como se fosse possível capturar seus efeitos em gráficos ou fórmulas, o que reduz drasticamente sua complexidade e vitalidade.

Em contraposição a essa lógica, compreender o método como movimento cartográfico é fazer da pesquisa um exercício ético e estético de atenção ao que emerge no meio do caminho. Trata-se de uma escuta implicada, em que o pesquisador não busca confirmar verdades, mas acompanhar os desvios, as tensões e os sentidos que nascem *no entre*: entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, entre o vivido e o narrado, entre o instituído e o que ainda está por vir. O desafio da pesquisa em educação se desloca para um compromisso com a escuta das singularidades, com o que transborda os modelos previamente estabelecidos, com o que insiste em escapar da captura representacional.

Essa atitude exige do pesquisador a suspensão

do desejo de controlar ou de delimitar, antecipadamente, os territórios investigativos. Em vez de delimitar, o que se propõe é acompanhar, mapear, esboçar movimentos e intensidades, sabendo que todo traçado é provisório e que o pensamento se faz junto com a vida. Trata-se de estar disponível ao inesperado, aos acontecimentos que irrompem e às subjetividades que se desenham no e pelo processo. É aí que a pesquisa se transforma em experiência.

O ponto de partida da cartografia não é perguntar "por quê?", como quem busca uma origem ou uma causa primeira, mas fazer, da própria pergunta, um campo de forças. Trata-se de estilhaçar o "porquê" com um martelo, como propunha Nietzsche (2017), espalhando-o em múltiplos fragmentos que abrem a investigação ao imprevisível, ao acontecimento, àquilo que escapa aos métodos fechados e representacionais. A intenção é reduzi-los a dimensões tão mínimas que não faça mais sentido questionar a razão de algo, mas, sim, compreender o modo como algo se dá a ver. Nesse contexto, altera-se o enfoque da pergunta de "por quê?" para "como?", pois "o como" permite delinear as singularidades de um acontecimento.

Os porquês em geral gostam de se livrar do que é fugidio, pois apenas assim podem ansiar por sua eternidade: ultrapassar a ilusão da mudança para acessar a verdade e suas constantes. Já o 'como' ama o que muda, apaixonou-se pelos detalhes inúteis e de vida breve, pois não lhe interessam as grandezas para além do tempo e da imanência. Ao invés de leis abstratas o que realmente importa são as cores, odores, sabores, caprichos, texturas, velocidades e outras veleidades mundanas. Antes de buscar ultrapassar as aparências e sua superficialidade é exatamente na experimentação desta superfície que se faz a vida do cartógrafo. Enquanto o método cartesiano, fundador da ciência moderna, busca transcender os acidentes em sua variabilidade sensível para alcançar as leis inteligíveis de um além mundo, aqui, tratamos com um mundo inteligensível. Pesquisar com a cartografia é encontrar-se com reentrâncias fugidias de dimensões mínimas que abrem problemáticas ilimitadas, sem espaço para binarismos advindos da partição abstrata do mundo em categorias estanques. Encontro singular e intempestivo entre os fluxos de um devir-mundo que tecem o cartógrafo e sua cartografia: olho e paisagem são um movimento de movimentos em encontro. (...) Ao invés de se encontrar com a verdade, trata-se de dizer

sim a isto e aquilo, de afirmar uma verdade no encontro com o mundo (Costa et al., 2015, p. 47).

Nesse intento, o método cartográfico não tem um manual pronto a ser seguido, nem uma receita a ser aplicada, pois trata-se de um composto de pistas a serem praticadas num *ethos* bisbilhoteiro que, segundo Heckert (2015, p. 247), nos faz "ficar à espreita dos processos que pedem passagem, que provocam perturbações", numa prática xereta, aberta à sensibilidade e à problematização.

Desse modo, a invenção como política de cognição (Kastrup et al., 2015) assume um papel fundamental, pois não se trata de resolver problemas de forma inovadora nem de dizer o que fazer, mas de liberar o pensamento e permitir diferentes modos de conhecer e pensar, a partir de uma "experiência modificadora de si (...) e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação" (Foucault, 2020, p. 13). A ideia de uma política cognitiva inventiva se alia a essa visão, pois a cognição por invenção entende que conhecer consiste em libertar-se de formas prontas, universais, conservadoras e totalizantes, realizando um exercício de desfazer e romper fronteiras, tornando-as movediças e sensíveis aos acontecimentos. Para Blanchot (2007), a importância da experiência-limite não está na sua singularidade, mas no movimento que a conduz e expressa o infinito do questionar.

Por isso, para Rolnik (2016), os processos cartográficos acompanham e se fazem no desmanchamento de lugares fixos para dar vez à formação de outros mundos, onde os antigos universos tornaram-se obsoletos – mundos criados para expressar afetos e necessidades contemporâneas em resposta às lacunas deixadas por procedimentos que não atendem mais às demandas sociais atuais.

Na cartografia, a intenção não é estabelecer representação ou ideia do cotidiano, pois entendemos o cotidiano como

aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente (...) é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. (...) É uma história a caminho

de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada (Certeau et al., 2013, p. 31).

Portanto, o cotidiano não é algo de fácil apreensão, pois é fluido, mutável e, muitas vezes, velado. Ele nos prende de maneira íntima, desenrolando-se como uma "história a caminho", em constante transformação e, por vezes, imperceptível.

Porém, como alerta Certeau (2014, p. 105): "o estudo de algumas táticas cotidianas presentes não deve, no entanto, esquecer o horizonte de onde vêm e, no outro extremo, nem o horizonte para onde poderiam ir". A tática é a arte da resistência dos sujeitos comuns e, ao reconhecê-las na pesquisa, criamos a possibilidade de "ver as coisas" e constatar que "há uma crise das representações que mina a autoridade, palavras outrora eficazes se tornaram não críveis, uma vez que não abrem as portas cerradas e não mudam as coisas" (Giard, 2014, p. 11).

Por isso, a cartografia não busca apreender o cotidiano como totalidade estável resguardada por portas cerradas. Como afirmam Passos et al. (2017), ela envolve rastreio, toque atento e cuidadoso que observa o que acontece. O cartógrafo não é observador externo e neutro, mas alguém que participa do processo "por dentro", deixando-se afetar e envolver pelos fluxos e movimentos cotidianos.

Talvez o maior compromisso da cartografia seja "*Ficar com o problema*", tal como propõe Haraway (2023). Em vez de buscar soluções rápidas, neutralizações teóricas ou saídas técnicas, trata-se de permanecer no desconforto, de acompanhar o problema em sua complexidade, de habitar suas camadas sem a ânsia de resolvê-lo.

Ficar com o problema é também recusar o olhar apressado que reduz a pesquisa a uma coleta de dados para a confirmação de hipóteses. Na cartografia, o problema é um campo de forças que demanda atenção, escuta e implicação. Ele pulsa, desloca e exige do pesquisador uma postura ética de coabitação com o que ainda não tem nome — com o que está por vir. Em vez de domar o problema, o cartógrafo se deixa atravessar por ele, permitindo que ele o transforme.

Nessa perspectiva, a pesquisa não é um caminho para eliminar as incertezas, mas uma forma de aprender a viver com elas, cultivando-as como fonte de pensamento e criação.

Essa concepção é vivida e encarnada na medida em que o pesquisador, com os outros, passa adiante, costura, emaranha-se nos fios da experiência como quem tece com um barbante — metáfora proposta por Haraway (2023) para indicar uma prática de cuidado e enredamento com os problemas do mundo. A cartografia, assim, deixa de ser uma técnica de distanciamento e passa a ser uma arte de composição coletiva. O pesquisador não observa de fora, mas se compromete com os enredos que encontra, entra no jogo dos fios já tecidos e também daqueles que ainda estão sendo tramados, agindo como parte da trama, que se transforma enquanto é feita.

Passar o barbante é aceitar que os nós nem sempre se desfazem. Alguns se apertam, outros escorregam — e tudo isso importa. O que está em jogo não é a busca por clareza total, mas o gesto paciente de seguir os fios, reconhecer os encontros e cuidar das conexões. Isso exige um modo de pesquisar que esteja atento à espessura dos afetos, às potências do coletivo e à tessitura dos saberes que nascem da relação.

Nesse sentido, pesquisar com o barbante é também abraçar a incerteza e a incompletude, percebendo que cada nó é uma chance de pensar junto, de compor outros mundos possíveis com os outros e com o problema — não apesar dele. É acompanhar processos e partilhar desejos comuns, reconhecendo práticas inventivas coletivas e singulares no cotidiano. Na cartografia, o pesquisador não apenas mapeia, mas também experimenta as forças que operam nas vidas cotidianas, isto é, ele se interessa "de fato pela maneira com a qual o sujeito se constitui de uma maneira ativa, através das práticas de si" (Foucault, 2012, p. 276).

Para Deleuze (2009), o acontecimento é o sentido (não por acidente) frente ao puro expresso que nos dá o sinal e nos espera. "São afetos e sensações que rompem com a linguagem instituída, produzindo outras formas de sermos

tocados pela vida. (...) nasce do encontro entre forças, (...) na experiência e força o pensar" (Marton & Silva, 2014, p. 270). Portanto, no acontecimento dá-se a pluralidade de sentidos, colocando o pesquisador em exercício de pensamento. Conforme Deleuze (2022), é preciso estar aberto aos encontros, colocar-se em estranhamento e, assim, sentir o efeito violento dos signos que nos forcem a criar. Para tal, o pesquisador adota uma "atitude de concentração pelo problema e no problema" (Passos et al., 2017, p. 40). A atenção, na cartografia, é algo que deve ser aprendido pelo cartógrafo.

Em diálogo com Stengers (2018), a pesquisa, especialmente em contextos complexos, como o da educação, pode ser entendida como uma composição com o mundo, um processo de criação conjunta. Para a autora, compor com o mundo significa reconhecer que o conhecimento não é um espelho passivo da realidade, mas uma construção ativa, que envolve múltiplos agentes, humanos e não humanos, em uma trama dinâmica de relações e afetos. Compor com o mundo é, assim, um ato ético e político que implica uma escuta atenta e implicada, uma disposição para ser afetado e transformar-se pela experiência.

Ao entrelaçar essas perspectivas, amplia-se o compromisso da pesquisa para além da mera descrição ou explicação, assumindo a responsabilidade de permanecer junto às tensões e desafios que se apresentam, cuidando das conexões e das potências que emergem. Trata-se de um convite a transformar o fazer científico em um espaço de criação coletiva, em que a diferença e a multiplicidade são não só acolhidas, mas celebradas como fontes de inovação e resistência. Assim, a cartografia converge para uma postura de pesquisa que valoriza o movimento, o encontro e o engajamento ativo, desafiando a rigidez dos modelos tradicionais e abrindo caminho para modos de conhecimento mais sensíveis, responsivos e criativos.

A questão da atenção na cartografia

Contrastando radicalmente com certa deriva atual, os Mil platôs reinventam as ciências do

espírito (deixando bem claro que, na tradição em que se situam Deleuze e Guattari, *geist* é o cérebro), renovando o ponto de vista da historicidade, em sua dimensão ontológica e constitutiva. Os Mil platôs precedem o pós-moderno e as teorias de hermenêutica fraca: antecipam uma nova teoria da expressão, um novo ponto de vista ontológico — instrumento graças ao qual se encontram em posição de combater a pós-modernidade, desvelando e dinamitando suas estruturas.

(Negri, 1995, orelha)

De acordo com Passos et al. (2017), a noção de "atenção flutuante", proposta por Freud (1912/1996), diz respeito a uma atenção aberta, sem focalização específica, na qual não há uma seleção específica dos acontecimentos. Desse modo, a atenção se mantém suspensa, sem expectativas e julgamentos em relação ao olhar e às escutas, postura que permite ao pesquisador estar aberto e receptivo às pistas que emergem no cotidiano da pesquisa.

Esse estado atencional tem semelhança com o conceito de "suspensão" (*epoché*) na fenomenologia de Husserl (1913/2012), entendido como um meio para alcançar o "acesso direto" aos fenômenos. A *epoché* consiste na suspensão do juízo, ou seja, uma aceitação do mundo tal como ele se apresenta à consciência. Husserl propõe que é preciso colocar entre parênteses nossas crenças habituais e pressupostos sobre o mundo, deixando de lado toda aceitação ontológica da existência de objetos no mundo externo. A *epoché* não significa uma negação da existência do mundo, mas sim uma neutralização de sua validade objetiva, de modo a possibilitar uma descrição pura da experiência subjetiva dos fenômenos. Nas palavras de Husserl (1991, p. 37): "Eu tenho a consciência de um mundo que se estende sem fim no espaço, que tem e teve um desenvolvimento sem fim no tempo... descubro [o mundo] por uma intuição imediata, tenho experiência dele".

Pensar a respeito da relação atencional na pesquisa cartográfica requer uma reorientação nos modos como a atenção vem sendo "prestada" ao longo dos tempos, principalmente quando a relacionamos com o ato de conhecer. Na maioria das vezes, o ato de "prestar atenção"

está relacionado ao foco, ou melhor, a uma concentração focalizada em um dado aspecto a ser compreendido.

Essa forma de colocação do problema da atenção na cartografia nos ajuda a escapar de perspectivas reducionistas impostas por uma "economia da atenção" (Citton, 2018), que instituiu relações opressoras entre a vida e o tempo desde o mundo moderno — relações estas que vêm se consolidando de modo acirrado no tempo contemporâneo.

O paradigma econômico, a perspectiva individualista e o determinismo tecnológico. (...) impede-nos de formular uma pergunta essencial: como – isto é, em que direção e para que fins – orientar atenção que dirige nosso futuro? (...) Longe de ser uma competência puramente técnica, como afirma o discurso economicista predominante, a atenção envolve múltiplas dinâmicas e uma verdadeira sabedoria ambiental – uma ecosofia (Citton, 2018, p. 14).

Para Citton (2018), uma atenção mais ecológica deveria prescindir de visões individualistas e prezar por processos atencionais mais abertos e coletivos. Isso porque o individualismo nos aparta de experiências comunais, levando os sujeitos a só valorizarem aquilo que está sob seu "foco" atencional, deixando de reconhecer a multiplicidade de eventos que acontecem concomitantemente a um mesmo evento, reduzindo a complexidade dos acontecimentos de um fenômeno a um aspecto individualizado de um foco central. Ao abdicar da sobrevalorização de um único foco atencional, o pesquisador-cartógrafo se abre a múltiplas linhas cujas forças e fluxos nos atravessam nos territórios da pesquisa.

Essas considerações evidenciam que a cartografia é uma política de pesquisa que precisa ser exercida por uma atenção sensível, que se coloca no movimento da investigação de questões sobre a vida, que estão em constante transformação. Por isso mesmo, é necessário estar sempre à espreita, disponível aos encontros que deslocam e forçam o pensar.

Este artigo propõe refletir sobre campos problemáticos que permitam pensar outras maneiras de habitar os tempos e espaços escolares, produzindo movimentos para dar passagem a

experiências que deem a ver enunciações que escapem às ordenações discursivas e coloquem a língua em funcionamento, criando outras possibilidades de fazer a escola.

Trata-se, também, de fazer ciência por outros modos — modos que se apoiam em Deleuze e Guattari (2011): questionando-se mesmo ao interrogar, contemplando as exterioridades sem impor coordenadas semióticas pautadas em bases duais. Abrindo mão das palavras de ordem que centralizariam as informações, "é preciso definir uma faculdade abominável que consiste em emitir, receber e transmitir as palavras de ordem. A linguagem não é mesmo feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer" (Deleuze & Guattari, 2011, p. 9).

Deleuze, em conjunto com Guattari, propõe um conhecimento que se afasta das dicotomias e das hierarquias estabelecidas, uma forma de fazer ciência que recusa estruturas disciplinares e lógicas de controle que imprimem verdades perenes. A ciência, a filosofia e outras formas de pensamento se orientam, assim, por uma lógica de experimentação e criação, em vez de se limitarem à reprodução de "palavras de ordem". Isso implica uma abertura ao novo, ao imprevisível, às multiplicidades e à complexidade dos fenômenos, sem a necessidade de reduzi-los a categorias fixas.

Dessa forma, propõe-se uma ciência que se faz sem uma forma determinada que emoldura e encarcera potencialidades, pois cartografar é criar linhas de fuga – linhas que interseccionam, friccionam, dobram, produzem fissuras e se expandem, produzindo novas territorializações. Tais linhas problematizam relações de naturezas distintas, que fraturam as práticas de objetivação e sujeição, produzindo rupturas nas formas circundantes de subjetivação e assujeitamento, bifurcando derivações para agenciamentos em que o desejo pede passagem, criando táticas de resistência, emancipação e produção de si mesmo.

Cartografar processos de ensino na educação

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.

(Deleuze & Guattari, 2011, p. 17)

Pesquisar sobre práticas de ensino e educação escolar remete, inevitavelmente, a Certeau (2014), que reflete sobre os modos como nos inserimos no mundo. Essa inserção ocorre a partir de significados discursivos que têm origem nas interações entre o sujeito e o mundo, o que leva o autor a diferenciar conceitualmente os espaços dos lugares, a partir das apropriações feitas nesses contextos.

Para Certeau (2014), o lugar é estável e ausente de significado, como o prédio em que uma escola está localizada, um endereço, uma coordenada geográfica, enquanto o espaço diz respeito aos modos como os sujeitos transformam os lugares a partir de apropriações e vivências singulares e/ou coletivas. Pode-se dizer que os itinerários que levam a um lugar são reconfigurados pelas práticas cotidianas, físicas e subjetivas, que simbolizam o lugar a partir das interferências de seus ocupantes. Desse modo, o lugar pode até ser inscrito geograficamente, como um decalque ilustrativo, mas o espaço é irrepresentável, só tangível por mapas móveis, formas de registros que requerem inventividade.

Ao invés de perguntar pela essência das coisas, o cartógrafo pergunta pelo seu encontro com as coisas durante sua pesquisa. No lugar de o que é isto que vejo? (pergunta que remete ao mundo das essências), um como eu estou compondo com isto que vejo? Este segundo tipo de pergunta nos direciona ao processo, entendendo o cartógrafo enquanto criador de realidade, um compositor, aquele que com/põe na medida em que cartografa (Costa, 2014, p. 70).

Eis por que, na cartografia, não se busca ou coleta dados de pesquisa como se fossem objetos exteriores ao pesquisador. Ao contrário, ela produz dados, acompanhando a produção de práticas que nos permitam problematizar o presente, refletir sobre o que estamos fazendo de nós mesmos, envolvendo-se fortemente na produção daquilo sobre o que é dito. Cartografia e pesquisa-intervenção se articulam em uma forma de pensar-praticar a pesquisa de forma encarnada.

Pesquisas inspiradas na cartografia, como a pesquisa-intervenção, procuram dialogar com os princípios ético-estéticos e epistemológicos engendrados "em uma tendência subversiva na academia que luta para sustentar que é ao transformar o que (também) conhecemos" (Pocahy, 2006, p. 23). Ao assumirmos seus princípios éticos-estéticos-epistemológicos, estamos propondo enunciados coletivos, um plano outro de potência de vida de uma "educação menor": "um ato de revolta (...). Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do chão", e que nos faz pensar a sala de aula "como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional" (Gallo, 2002, p. 173).

Nessa direção, o Projeto Político Pedagógico, o material didático, os planos de aula elaborados de acordo com a BNCC e os processos administrativos estruturados podem ser considerados lugares da escola. Porém, as aporias de docentes e as táticas de resistência criadas pelos estudantes à disciplina instituída pelos regimentos constituem linhas de fuga, dobras, que abalam as sedimentações que recusam as danças das coisas que mudam o mundo — um mundo que não se limita apenas a perguntas e respostas certas ou erradas, visto que, em cada pergunta, reside a inerente capacidade de se criar algo, sejam mais perguntas ou mais respostas. Produzir escola é habitar espaços sem se fixar aos lugares, é estar entre o curso das coisas,

evitar o isso ou aquilo, é se permitir estar *entre* as margens, em um "e...".

Portanto, a cartografia é uma pesquisa que não dispensa as chegadas, mas se faz viagem que navega no movimento atento ao que promove mudança: "pensar diferentemente do que se pensa e perceber diferentemente do que se vê (...) explorar o que pode ser mudado, no seu próprio pensamento, através de um exercício de um saber que lhe é estranho" (Foucault, 2020, p. 15).

Educar os olhos não é somente fazê-los ver certas coisas, valorar certos temas e cores e formas, mas é, sobretudo, construir um pensamento sobre o que é ver; sobre o que são nossos olhos como instrumentos condutores do ato de conhecer, levando-nos a acreditar que ver é conhecer o real é ter esse real diante de nós (Oliveira Júnior, 2009, p. 19).

Pode-se afirmar que a cartografia seria um método "revolução", que desenha, acompanha e, ao mesmo tempo, faz os movimentos de transformação do lugar em paisagens sensíveis, em um processo de experimentação e produção capaz de romper fronteiras e traçar novas coordenadas de leitura e de escrita frente às aventuras, angústias, desafios, mudanças e afetações da escola, trilhando, assim, outros caminhos para fugir das generalizações recorrentes da pesquisa.

Considerações em aberto...

As palavras não são ferramentas; mas damos às crianças linguagem, canetas e cadernos, assim como damos pás e picaretas aos operários. Uma regra de gramática é um marcador de poder, antes de ser um marcador sintático. A ordem não se relaciona com significações prévias, nem com uma organização prévia de unidades distintivas, mas sim o inverso. A informação é apenas o mínimo estritamente necessário para a emissão, transmissão e observação das ordens consideradas como comandos. É preciso estar suficientemente informado para não confundir Au feu! (Fogo!) com Au jeu! (Jogo!), ou para evitar a situação deveras desagradável do professor e do aluno segundo Lewis Carroll (o professor lança uma questão do alto da escadaria, transmitida pelos valetes que a deformam a cada degrau, ao passo que o aluno, embaixo, no pátio, envia uma resposta, ela mesma deformada, a cada etapa da subida).

(Deleuze & Guattari, 2011, p. 12)

Para cartografar o cotidiano escolar, a única precisão é estar atento às táticas, às linhas de fuga, aos acontecimentos que agenciam invenção, que, segundo Rolnik (2016, p. 61), são como: "intensidades, com sua longitude e sua latitude; lista de afetos não subjetivados, determinados pelos agenciamentos que o corpo faz, e, portanto, inseparáveis de sua relação com o mundo".

Nesse sentido, a cartografia aproxima a forma de se fazer pesquisa ao modo como a vida se dá, contrapondo-se, assim, aos métodos apriorísticos (anterior à experiência) para estar aberta ao encontro e às possibilidades construídas no decorrer do percurso, cujos caminhos não estão dados de antemão, nem são previsíveis, mas construídos coletivamente, na medida em que se aventura a percorrê-los, nas linhas e traçados de mapas que "não param de se misturar, (...) se transformam e podem mesmo penetrar uma na outra" (Deleuze & Guattari, 2011, p. 77). São mapas que são sempre possíveis de serem traçados de outro modo, por rotas alternativas, visto que, numa cartografia, sempre há espaço para a inquietude, as descobertas, os desejos, os receios, as frustrações, etc., numa "processualidade que se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo, em letras e linhas na escrita, em nós" (Barros & Kastrup, 2017, p. 73).

Portanto, para fazer cartografia em escolas, é preciso transpor as cercas, os muros, libertar-se das algemas acadêmicas que, segundo Paraíso (2014), nos impedem de mostrar que o solo em que pisamos é fértil e que a vida é grávida de nascimento e prenhe de possibilidades.

REFERÊNCIAS

- Barros, L. P., & Kastrup, V. (2017). Cartografar é acompanhar processos. In E. Passos, V. Kastrup, L. Escóssia (Eds.), *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção da subjetividade* (pp. 35-56). Sulina.
- Benjamin, W. (1995). O flâneur. In W. Benjamin, *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire - Um lírico no auge do capitalismo* (p. 33-34). Brasiliense.
- Blanchot, M. (2007). *A conversa infinita: A experiência limite*. Escuta.
- Certeau, M. (2014). *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Vozes.

- Certeau, M., Giard, L., & Mayol, P. (2013). *A invenção do cotidiano: Morar, cozinhar*. Vozes.
- Citton, I. (2018). Da economia à ecologia da atenção. *AYVU – Revista de Psicologia*, 5(1), 13-41.
- Costa, L. A., Angeli, A. A. C., & Fonseca, T. M. G. (2015). Cartografar. In T. M. G. Fonseca, M. L. Nascimento, & C. Maraschin (Eds.), *Pesquisar na diferença: Um abecedário* (pp. 39-50). Sulina.
- Costa, L. B. (2014). Cartografia: Uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do LAV*, 7(2), 65-76. <https://doi.org/10.5902/1983734815111>
- Deleuze, G. (2009). *Lógica dos sentidos*. Perspectiva.
- Deleuze, G. (2022). *Proust e os signos*. Editora 34.
- Deleuze, G. (1990) ¿Qué es un dispositivo? In P. Macherey (Ed.), *Michel Foucault, filósofo* (pp. 155-161). Gedisa.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1995) *Mil platôs e capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 2). Ed. 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2011). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 1). Ed. 34.
- Ewald, F. (2011). [Texto na orelha de]. In G. Deleuze, & F. Guattari, *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 1). Ed. 34.
- Foucault, M. (2012). *Ditos e escritos: Ética, sexualidade e política* (Vol. V). Forense Universitária.
- Foucault, M. (2020). *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Paz e Terra.
- Freud, S. (1996). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Imago. (Original publicado em 1912).
- Gallo, S. (2002). Em torno de uma educação menor. *Educação & Realidade*, 27(2), 169-178. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25926>
- Giard, L. (2014) História de uma pesquisa. In M. De Certeau, *A invenção do cotidiano: Artes de fazer* (pp. 9-32). Vozes.
- Haraway, D. J. (2023). *Ficar com o problema: Fazer parentes no Chthulucene*. N-1 Edições.
- Heckert, A. L. C. (2015). Xeretar. In T. M. G. Fonseca, M. L. Nascimento, & C. Maraschin (Eds.), *Pesquisar na diferença: Um abecedário* (pp. 123-135). Sulina.
- Husserl, E. (2012). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Ideias & Letras. (Original publicado em 1913).
- Husserl, E. (1991). *Idées directrices pour une phénoménologie*. Gallimard.
- Kastrup, V., Tedesco, S., & Passos, E. (2015). *Políticas da cognição*. Sulina.
- Larrosa, J. (2014). Experiência. In J. Larrosa, L. C. Santos, & I. Mészáros (Eds.), *Pedagogia profana: Danças, piruetas e mascaradas* (5. ed., pp. 133-155). Autêntica.
- Linhares, C. F. S. (Ed.). (1988). *A escola e seus profissionais: Tradições e contradições*. Agir.
- Marton, S. L., & Silva, D. M. (2014). Escutando crianças: O que elas nos deram a pensar? *Childhood & Philosophy*, 10(20), 267-282. <https://doi.org/10.12957/childphilo.2014.10204>
- Nietzsche, F. (2017). *Crepúsculo dos ídolos: Ou como filosofar com o martelo*. Companhia de Bolso.
- Oliveira Júnior, W. M. (2009). Grafar o espaço, educar os olhos: rumo a geografias menores. *Proposições*, 20(3), 17-28. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000300002>
- Paraíso, M. A. (Ed.). (2014). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Mazza Edições.
- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (2017). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção da subjetividade*. Sulina.
- Pocahy, F. A. (2006). *A pesquisa fora do armário: Ensaio de uma heterotopia* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Lume Repositório Digital. <http://hdl.handle.net/10183/8367>
- Rolnik, S. (2016). *Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. Sulina.
- Stengers, I. (2018). *Compor com o mundo: Ensaio de uma ecologia política*. Autêntica.

Leiliane Domingues da Silva

Doutora em Ciências, Tecnologias e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora substituta da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ).

Dagmar de Mello e Silva

Professora Associada da Universidade Federal Fluminense – Faculdade de Educação/SFP. Professora permanente dos programas de Pós-graduação Doutorado em Ciências, Tecnologia e Inclusão (PGCTIn) e de Pós-graduação Doutorado em Educação (PPGE).

Endereço para correspondência

Universidade Federal Fluminense

Rua Miguel de Frias, n. 9

Icaraí, 24220-900

Niterói, RJ, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.